



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A Cultura Surda no ensino da Língua Gestual Portuguesa

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa

2024, Tomás André Basto Carvalho



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Tomás André Basto Carvalho

A Cultura Surda no ensino da Língua Gestual Portuguesa

Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa, apresentada ao
Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de
Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Especialista Amílcar José Morais

Outubro, 2024

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, o Professor Amílcar José Morais, pela orientação de forma clara e específica ao longo do tempo da minha investigação, bem como da elaboração desta dissertação sobre a Cultura Surda, o que me trouxe informação acrescida a respeito desta Cultura.

É claro que houve várias pessoas desde família, amigos e colegas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenrolar da dissertação, seja na correção do português e do resumo em inglês, envio de artigos e principalmente o encorajamento, pois sem estes incentivos não teria tido a motivação para a redigir.

Também sou grato pela minha colocação na Escola Básica e Secundária da ilha de Santa Maria e pelo horário que me foi atribuído, o que me permitiu ter tempo de qualidade para a pesquisa e elaboração da dissertação.

Ao final da elaboração da dissertação, a minha gratidão à Doutora Luísa Gonçalves pela revisão e correção de modo a enriquecer o português.

A minha gratidão à coordenadora do Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa, a Professora Doutora Isabel Correia e equipa, pela forma como conceberam e organizaram este mestrado, o que contribuiu para alargar horizontes quanto ao ensino da Língua Gestual Portuguesa e que foi fundamental para a minha evolução como professor.

A minha gratidão estende-se também à Escola Superior de Educação de Coimbra - que foi tão importante para mim - quer no aperfeiçoamento da fluência em Língua Gestual Portuguesa, quer na possibilidade de obter conhecimento mais aprofundado quanto à Comunidade Surda, tanto na licenciatura como no mestrado.

A Cultura Surda no ensino da Língua Gestual Portuguesa

Resumo: Esta dissertação examina a relação entre a cultura e o Ensino de alunos Surdos, com foco na importância da Cultura Surda na formação da identidade e no processo de ensino-aprendizagem. Através de uma investigação abrangente, analisa como a Cultura Surda se entrelaça com a experiência educacional dos alunos Surdos e como ela pode ser efetivamente incorporada no programa curricular da Língua Gestual Portuguesa (LGP).

No primeiro capítulo, explora o conceito de cultura sob diversas perspetivas, destacando as suas características comuns e a sua relação com a identidade étnica. Além disso, existem os diferentes tipos de cultura, destacando a cultura popular e a cultura erudita como exemplos de como uma cultura é construída e como pode ser ensinada, mostrando assim no segundo capítulo, como a Cultura Surda emerge da História e artefactos artísticos da Comunidade Surda, tendo em conta a Língua Gestual como elemento central. Ainda, apresenta uma pequena comparação com o ensino da Cultura Surda no Brasil que, apesar de geograficamente distante e com uma Língua Gestual (LG) diferente, partilha a mesma língua - o português - com Portugal e tem um método similar no ensino da Cultura Surda.

A metodologia adotada envolve a recolha de dados por meio de um questionário estruturado. Os participantes responderam a questões específicas sobre a sua compreensão da Cultura Surda no ensino. Os resultados obtidos contribuirão para uma compreensão mais abrangente da Cultura Surda para aprimorar o ensino e promover a inclusão dos alunos Surdos.

Por fim, as considerações finais enfatizam a relevância de valorizar a Cultura Surda no ambiente educacional, proporcionando uma experiência inclusiva e enriquecedora para os alunos Surdos.

Palavras-chave: Cultura Surda, Identidade, Surdos, Comunidade Surda, Língua Gestual

Deaf Culture in teaching Portuguese Sign Language

Abstract: This dissertation examines the relationship between culture and the Teaching of Deaf students, focusing on the importance of Deaf Culture in the formation of identity and the teaching-learning process. Through a comprehensive investigation, it analyses how Deaf Culture intertwines with the educational experience of Deaf students and how it can be effectively incorporated into the Portuguese Sign Language (PSL) curriculum.

In the first chapter, it explores the concept of culture from different perspectives, highlighting its common characteristics and its relationship with ethnic identity. Furthermore, there are different types of culture, highlighting popular culture and erudite culture as examples of how a culture is constructed and how it can be taught, thus showing in the second chapter how Deaf Culture emerges from History and the artistic artefacts of the Deaf Community, taking into account Sign Language as a central element. Additionally, a brief comparison will be made with the teaching of Deaf Culture in Brazil, which, despite being geographically distant and having a different Sign Language (SL), shares the same language - Portuguese - with Portugal and has a similar method of teaching Deaf Culture.

The adopted methodology involves collecting data through a structured questionnaire. Participants will answer specific questions about their understanding of Deaf Culture in teaching. The results will contribute to a more comprehensive understanding of Deaf Culture to improve teaching and promote the inclusion of Deaf students.

Finally, the final considerations emphasize the relevance of valuing Deaf Culture in the educational environment, providing an inclusive and enriching experience for Deaf students.

Keywords: Deaf Culture, Identity, Deaf, Deaf Community, Sign Language

Sumário

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I – A definição da Cultura	4
CAPÍTULO II – A definição da Cultura Surda	9
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
BIBLIOGRAFIA	34

Lista de abreviaturas

EREB – Escolas de Referência para a Educação Bilingue

EUA – Estados Unidos da América

IVT – International Visual Theatre (Teatro Visual Internacional)

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LG – Língua Gestual

LP – Língua Portuguesa

APS – Associação Portuguesa de Surdos

ASP – Associação de Surdos do Porto

WFD – World Federation of the Deafs (Federação Mundial de Surdos)

LGs – Línguas Gestuais

ME – Ministério da Educação

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Libras – Língua Brasileira de Sinais

EMEBS – Escola Municipal de Ensino Bilingue para Surdos

DST – Doenças sexualmente transmissíveis

COI – Comité Olímpico Internacional

CISS – Comité Internacional de Desporto do Silêncio

ICSD – Comité Internacional de Desportos para Surdos

FPAS – Federação Portuguesa das Associações de Surdos

FNAS – Festival Nacional da Arte Surda

INTRODUÇÃO

A temática escolhida - Cultura Surda no ensino da LGP – deveu-se ao meu trabalho na área da LGP com alunos Surdos. No dia-a-dia é possível enriquecer o conhecimento interno sobre a Cultura Surda e a LG, facilitando a comunicação com os Surdos, sejam alunos ou colegas. Pretende-se saber mais dos seus interesses e capacidades nos vários domínios: artes, aptidões físicas no modo de ver o mundo sem som, mas nem por isso menos belo e atrativo. Portanto, a escolha do referido tema propõe uma estruturação da identidade dos Surdos através da criatividade, descoberta do seu eu e valorização da sua língua natural, sendo que essa estruturação começa no ensino. Se a mesma será útil no desenvolvimento cognitivo das crianças Surdas, a resposta pode ser afirmativa visto que leva à criatividade nas artes: pinturas, desenhos, teatro, poesia, música, entre outras áreas. O programa curricular de LGP integra todas as áreas necessárias para a estruturação da gramática da LGP e, conseqüentemente, incorpora a Cultura Surda. Cabe aos professores de LGP, especialmente aos docentes Surdos, enquanto modelo para os alunos Surdos, contribuírem para a preservação da Cultura nos anos vindouros.

A Educação Bilíngue de alunos Surdos emerge como um campo de estudo crucial, tendo em vista a necessidade de proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade para esta comunidade linguisticamente única. Esta modalidade educacional, fundamentada na interação entre a LGP e a Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita, vai além da simples transmissão de conhecimento. E o conhecimento da Cultura Surda desempenha um papel vital na preservação e fortalecimento da identidade cultural dos alunos Surdos. No entanto, é essencial compreender de forma aprofundada a relação entre a cultura e a LG para promover uma educação verdadeiramente enriquecedora.

Nesta pesquisa, a atenção é focada na Cultura Surda e no seu impacto no ensino da mesma aos alunos Surdos. A cultura, como um elemento intrínseco e dinâmico, influencia não apenas as experiências individuais dos alunos Surdos, como também o ambiente das Escolas de Referência para a Educação Bilíngue (EREB) e das salas de aula. A interconexão entre a cultura e a educação requer uma exploração profunda para alinhar o processo de ensino-aprendizagem com a identidade dos alunos Surdos.

Estabelecida essa ligação e explorando os fundamentos do conceito de cultura a par da sua incorporação no programa curricular de LGP, o conceito de Cultura Surda poderá ser adquirido

de forma eficaz. Será ainda aprofundada a compreensão da Cultura Surda pelos alunos Surdos, analisando como eles interiorizam o seu conteúdo e experiências prévias relacionadas, a fim de contextualizar a sua relevância cultural. Além disso, investigar os diferentes tipos de cultura, especialmente a cultura popular e a cultura erudita, como exemplos de que uma forma cultural pode ser mantida ou modificada ao longo do tempo e se a mesma é ensinada nas escolas ou não. Este enquadramento teórico fornecerá as ferramentas necessárias para explorar o ensino de uma cultura numa aula, especificamente de LG.

CAPÍTULO I – A definição da Cultura

Pretendendo abranger o que é que define uma Cultura, se ela pode ser ensinada nas EREB e como deve ser ensinada, será necessária uma pesquisa de como determinados alunos Surdos aprendem sobre o conceito da Cultura geral e da Cultura Surda, se entendem o conteúdo e se vivenciaram situações no âmbito do tema em causa. Mas porquê ensinar Cultura? Qual a finalidade? Pode ser fundamental para a aquisição das características culturais que se pretende ensinar, bem como inspirar os alunos a serem cultos no âmbito da literatura, arte ou outra área que exija a preservação da Cultura no futuro.

O termo "Cultura" deriva do latim "colere", que engloba os significados de cultivar e educar, sendo intrinsecamente ligado à agricultura, onde o esforço humano transforma elementos naturais em algo único. Raymond Williams, citado por Brant (2009), valida estes significados, acrescentando que "colere" também se relaciona com a habitação e veneração, originando os termos latinos "colonus" (colónia) e "cultus" (culto), respetivamente. Bosi (1992) interpreta o termo "colere" como "habitar, ocupar a terra", estabelecendo uma ligação adicional com as culturas agrícolas.

Kluckhohn & Kelly (1945) apresentam a cultura como um conceito descritivo abrangente, definindo-a como o tesouro acumulado da criação humana, incluindo livros, pinturas, edifícios e outros artefactos culturais. Também enfatizam o conhecimento das estratégias para nos adaptarmos ao ambiente, tanto humano quanto físico, e englobam elementos como a linguagem, costumes e sistemas de etiqueta, ética, religião e moral que evoluíram ao longo das eras. Além disso, reforçando esta perspetiva, Kluckhohn (1945) acrescenta que a cultura também representa o estilo de vida de um povo, onde os grupos aprendem as normas de etiqueta, padrões de comportamento e maneiras de pensar e agir em diversas situações. Em resumo, a cultura representa não apenas um depósito de criações humanas, mas também o reflexo das interações sociais e das respostas adaptativas ao ambiente. Desta forma, em cada país, sociedade ou comunidade, emerge um conjunto de crenças, tradições e costumes transmitidos de geração em geração através da comunicação, padronização ou imitação.

Existem vários tipos de Cultura, a saber:

- Cultura erudita, com destaque na literatura, teatro, artes plásticas, entre outros;

- Cultura popular, que é feita por um povo;
- Cultura de massas, produzida pela indústria cultural que se resume à globalização;
- Cultura material, que é apresentada pelo vestuário, arte, igrejas, instituições, entre outros;
- Cultura imaterial, onde são transmitidas as tradições, saberes, lendas, comportamentos, costumes, entre outros;
- Cultura organizacional, criada numa empresa em nome do mercado e da globalização;
- Cultura corporal, que estuda a conduta humana através de desporto, dança, sexualidade, entre outros.

Para além disso, as características comuns de uma Cultura apontam para um conjunto de comportamentos e saberes intrínsecos; é transmitida de geração em geração, é aprendida no meio em que se vive e pode ser influenciada por novos hábitos. Então se é transmitida de geração em geração, o que influencia os novos hábitos? Dependerá da mente de uma determinada sociedade, do meio ou época em que se vive.

Em geral, os mais jovens são ávidos de novidades, uma vez que “surge um aumento do desejo por gratificação nos circuitos do cérebro adolescente” (Siegel, 2016). Por exemplo, olhemos para os anos 60: a sociedade estava moldada por normas aprendidas em casa, na escola ou na igreja, e seguia tradições até que a ascensão dos Beatles revolucionou a forma de viver e pensar dos jovens da época. Isto incluiu cabelos compridos, que eram mal vistos pela geração mais velha. Com o tempo, a situação foi aceite e os Beatles tornaram-se um ícone da cultura ocidental.

Esse fenómeno ocorre na cultura popular, cultura erudita, cultura de massas ou na cultura organizacional, quando novas formas artísticas são introduzidas. O exemplo contado acima trata-se de cultura popular, mais comumente designada por “cultura pop” que, como o nome indica, provém do povo. Assim, a fama dos Beatles foi crescendo graças à espontaneidade e fácil acesso à sua música pelo povo. Poder-se-ia tratar de cultura erudita, pois esta também sofre alterações com o passar do tempo e por se tratar de música. No entanto, requer estudos e investigações académicas que permitem uma estrutura mais elaborada e crítica e por fim, somente para elites mais intelectualizadas, o que não foi o caso dos Beatles, mas sim, de Mozart ou Beethoven, cujas composições ainda hoje são ensinadas nos conservatórios de música. Eis o exemplo de uma Cultura que, mesmo sofrendo modificações com o decorrer das épocas, é

transmitida para as gerações vindouras e ensinada em instituições especializadas. De facto, Jidídias Rodrigues da Silva (2013), explica, “A importância da Cultura no processo de aprendizagem” cita Vera Candau de que a escola é uma instituição cultural e sublinha que a cultura está em constante transformação que envolve um processo de criação e recriação.

Assim, existe a possibilidade de ensinar Cultura nas escolas, permitindo que os aprendizes possam criar ou recriar algo diferente com base na sua criatividade e no que absorveram dos conteúdos. A criatividade desempenha um papel fundamental, pois Candau (2003) também afirma que a cultura é multifacetada ou seja, diversa, devido à existência de diferentes grupos sociais numa escola. A autora defende a valorização desta diversidade através de discussões e feiras. Esta abordagem é uma maneira eficaz de sensibilizar e promover a aceitação da diversidade, uma vez que existem muitos casos de bullying com base em diferenças culturais, como abordado por Raquel Gomes Pinto e Ângela Branco (2012), que analisam o tema como uma manifestação de preconceito e intolerância em relação a tudo o que difere do padrão idealizado pela sociedade. Elias (1998) sugere que a exclusão de grupos considerados diferentes é devida a atribuições de características preconceituosas e infundadas. Estas atribuições são frequentemente manifestadas através de estereótipos. Isto pode explicar as exceções ou diferenças culturais que podem resultar em bullying.

Em Portugal é possível encontrar nas escolas alentejanas, aulas de cante alentejano, considerado Património Imaterial e, nos Açores, existe uma disciplina designada “História, Geografia e Cultura dos Açores”. Nesta última, Dina Neto (2021) conta a História da introdução da disciplina nas escolas açorianas a partir de Paulo Estêvão e salienta a importância da identidade açoriana e da História dos Açores, que se distingue da História de Portugal pela descoberta do arquipélago, o triunfo do liberalismo e a autonomia conseguida em 1976.

Deste modo, é possível dar conta duma grande diversidade cultural, por vezes étnica, como explica Caroline Luvizotto (2009), a identidade étnica implica cultura e a cultura faz parte da identidade étnica, o que permite que os que fazem parte de um grupo étnico se sintam unidos entre si.

É o caso da etnia cigana, que possui uma cultura própria que mantém unidos os ciganos, conforme os estudos de Ana Cláudia Azevedo (2013): Espalhado por todos os países do mundo e apesar de aceitarem as culturas de cada país, é um povo formado por 3 grupos e diversos

subgrupos, com uma língua própria – o romani – que causa tabu por só a utilizarem entre si (Azevedo, 2013). Resumindo, os ciganos têm uma cultura própria e em consequência são perseguidos.

O mesmo ocorre com o povo sami, também conhecidos como lapões: a ativista sueca Greta Thunberg deu que falar dada a sua detenção em Oslo devido a um protesto de ativistas contra as turbinas eólicas construídas numa área usada pelo povo sami para pastagem de renas. Tal protesto deveu-se à falta de respeito do governo norueguês por este povo, também conhecidos por lapões, destruindo a pastagem associada à sua cultura: o pastoreio de renas. Portanto, mais uma comunidade concentrada numa região que abrange quatro países (Suécia, Noruega, Finlândia e Rússia) – a Lapónia – com uma cultura própria, juridicamente considerado um povo indígena, designado como “indígenas do Ártico” e consequentemente, vítimas de preconceito por parte da sociedade nórdica.

Também existem grupos minoritários que procuram um estilo de vida diferente da sociedade, mesmo sem se demitirem da mesma, falamos assim de uma subcultura. Fazem parte das subculturas vários grupos: os hippies, os góticos, os punks, os emos ou os skinheads. Estes grupos – também designados como tribos urbanas – são muitas vezes discriminados por não se encaixarem na sociedade, mesmo que não sejam questões étnicas, porque a questão volta a centrar-se na diferença. No entanto estas tribos urbanas, não podem ser consideradas culturas, mas sim subculturas porque não são ensinadas no seio familiar ou social, apenas são modas ou filosofias que cedo ou tarde vão diminuindo o seu número de adeptos maioritariamente jovens, por questão de idade (ou melhor por uma questão de tempo), sendo poucos os que permanecem.

Os hippies são um exemplo de subcultura que esteve no auge na década de 60 e teve o seu declínio em meados da década de 70 do século passado. Pode parecer uma cultura, mas é classificada como subcultura ou claramente mencionada em vários artigos como contracultura devido à discordância com a cultura dominante, porque os hippies rejeitavam muitos padrões impostos pela sociedade tais como a forma de vestir, o materialismo, o capitalismo e ainda o protesto contra a Guerra do Vietname. Deste modo, pregavam o amor livre e viviam da espontaneidade e nomadismo. As roupas eram coloridas e os cabelos costumavam ser compridos, bem diferente da moda da época. Apesar deste movimento parecer belo, tem comportamentos que não devem ser seguidos, como o uso de drogas e os comportamentos de

risco, que decorrem da filosofia do amor livre que facilmente abrem caminho para as doenças sexualmente transmissíveis (DST). Se a sociedade pudesse aceitar o estilo hippie como uma cultura, apenas é aceitável o vestuário com as suas peças alegremente coloridas, a arte também colorida, os hábitos de não-violência e respeito pela natureza. Em contrapartida, a moda muitas vezes sofre mudanças com o passar das épocas; a arte hippie nem sequer é original uma vez que é inspirada nas culturas orientais, especialmente da Índia; e por fim os comportamentos contrários à violência já são ensinados fora da comunidade hippie, assim como a preservação do meio ambiente promovida nas aulas de ciências naturais ou biologia, que também explicam as consequências nefastas das drogas e da sexualidade desenfreada, defendidas pelos hippies. Fica assim clarificado o fato de se tratar de uma subcultura.

CAPÍTULO II – A definição da Cultura Surda

Tendo já sido definido neste trabalho o conceito de Cultura, nos seus diferentes tipos, como funciona, bem como demonstramos, clarificando, alguns antagonismos e confirmar o uso da mesma na Educação, este capítulo pretende definir uma Cultura muito pouco falada porque deriva de uma minoria linguística e cultural: a Comunidade Surda. Mas existe uma Cultura de pessoas Surdas? Pode dizer-se que sim, com base no capítulo anterior acerca do povo cigano e do povo sami: estes dois exemplos não diferem muito da situação da Comunidade Surda que também tem um estilo de vida diferente da sociedade ouvinte, termo que os Surdos usam para designar quem não é surdo, que clarificamos de seguida.

Ao longo da História, os Surdos têm vindo a lutar pelos seus direitos, quer no seu envolvimento na sociedade enquanto individuo, quer no que respeita a sua língua materna que foi reprimida durante anos e, ainda, pela recuperação do ensino da educação favorável à Cultura Surda (Morais, A., 2022)

Ora para essa luta ter a ver com Cultura, basta rever o termo “direitos”. Tudo começou em 1880, no Congresso Internacional da Educação dos Surdos, em Milão, em que definiram o oralismo como modo de educar as crianças surdas, de tal maneira que os usos das línguas gestuais foram proibidos. Esse método não trouxe bons resultados na oralidade, provocou uma baixa capacidade de leitura e, para muitos, graves problemas psíquicos (Vaz de Carvalho, P., 2007). Como se não bastasse, fora do contexto formal, o preconceito estendeu-se à sociedade que se recusa a proporcionar igualdade de oportunidade aos Surdos, especialmente no que respeita as barreiras linguísticas. Assim, a discriminação manifesta-se quando as atitudes são incorretas para com os sujeitos Surdos, resulta numa fraca participação cívica, fraca participação ao nível da formação académica e política. Neste sentido, as lutas surgem no seio dos movimentos associativos, onde a Comunidade Surda se junta, elabora atividades e sensibilizações em prol da mesma, tanto pela interação com a sociedade como por um ensino apropriado ao seu nível.

O primeiro momento de Associativismo Surdo, segundo Paulo Vaz de Carvalho, data de 1834 e foi através de um banquete que celebrava o 122º aniversário do nascimento do Abade de L’Epée, considerado o pai da educação dos Surdos. Este banquete, que mais tarde viria a ser

um evento anual, tornar-se-ia numa espécie de fórum, além do convívio entre Surdos de vários institutos e várias profissões, no qual havia lugar para manifestarem as suas exigências. De facto, tinha a participação de alguns ouvintes, especialmente, jornalistas e personalidades de destaque em política, arte e literatura. Graças àquelas participações de peso, a popularidade dos banquetes anuais cresceu a ponto de alcançarem uma vitória em 1836, sobre a questão do sistema de rotação, relacionado com o Ensino dos Surdos.

Essa tradição dos banquetes foi-se alargando a todos os países da Europa e Estados Unidos da América (EUA) e conseqüentemente, resulta na criação de várias associações de Surdos, sendo a primeira associação de surdos no mundo, a Sociedade Central de Assistência e Educação de Surdos-Mudos. Este foi o primeiro passo da expansão da Cultura Surda.

A Associação Portuguesa de Surdos (APS) é um bom exemplo do associativismo em Portugal, cuja fundação aconteceu mesmo numa época em que o oralismo era o centro na educação dos Surdos e os que acreditavam no uso da LG apostaram na conveniência de constituírem uma associação. Mais tarde, a APS criou delegações em várias regiões do país para cumprir as suas atribuições de âmbito nacional e, posteriormente, algumas destas delegações tornaram-se associações independentes, enquanto outras se extinguíram. Atualmente a APS persiste em funcionar ao nível do desporto, da cultura, a nível social e linguístico. (APS, s.d.)

Acrescentamos que o mesmo aconteceu de forma muito evidente na área desportiva, falamos dos Jogos Olímpicos, numa época em que os surdos, à semelhança das pessoas com deficiência eram considerados inúteis e cognitivamente comprometidos. Desta forma, o ativista Surdo Eugéne Rubens-Alcais criou em 1924 o que começou por ser chamado *International Silent Games*, o que se pode traduzir por Jogos Internacionais Silenciosos, tornando-se os primeiros jogos que envolviam pessoas com deficiência. Rubens-Alcais procurou provar que os Surdos são tão capazes quanto outros cidadãos, fazendo-o através do desporto. Mais tarde, os Jogos Internacionais Silenciosos passaram a chamar-se Surdolimpíadas e aconteceram a cada quatro anos, desde a sua primeira edição em Paris (França) em 1924. Com a criação dos Jogos Paralímpicos, o Comité Olímpico Internacional (COI) tentou absorver os Surdolimpicos, mas sem sucesso devido a questões de pertença por parte dos Surdos, de modo a evitar interpretações desfavoráveis (Bastos & Paula, 2021). Essas questões justificam o facto de um Surdo não se considerar uma pessoa portadora de deficiência, mas pertencente a uma

minoría lingüístico-cultural. Além disso, surge também a questão da acessibilidade nos Jogos Paralímpicos, implicando mudanças para a devida adaptação em todos os desportos.



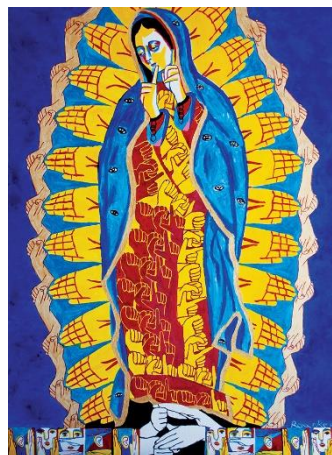
Se a Cultura tem a ver com as artes, com a literatura, conforme os exemplos no capítulo anterior, não nos podemos esquecer que essas lutas são apenas um passo para que o Surdo exiba as suas capacidades que se assemelham às de qualquer ser humano. São muitos os fatores para o aparecimento de lutas encetadas por Surdos, sejam os banquetes, as associações e as Surdolímpiadas mencionados anteriormente, lutas por mudanças e pelo abandono dos métodos oralistas, assim que estes foram se foram traduzindo em resultados negativos para os Surdos (Calbente, 2017), impasse cultural de identidade, da qual Bhabha (1994) reclama a necessidade de uma revisão radical para o conceito de cultura e comunidade (Morais, A., 2022).

Quem diria que a capacidade de aquisição visual dos Surdos contribui para a paixão em pintar ou desenhar, surgindo assim pinturas onde expressam a sua identidade, como é o caso da artista americana Nancy Rourke que chegou a pintar uma Mona Lisa “surda”, além de várias configurações das mãos que formam palavras e cenas do quotidiano surdo. Também em Portugal, de vários artistas, Francisco Goulão tem mais destaque nos seus desenhos onde, no seu intuito de divulgar a LGP, predomina o vocabulário gestual.



Deaf Mona Lisa, por Nancy Rourke

É suposto mostrar a diferença artística na Arte Surda, logo a representação do famoso retrato de Mona Lisa a identificar-se como sendo surda. O termo “Surdo” é motivo de orgulho na identidade dos Surdos.



Our Deaf Lady of Language Rights, por Nancy Rourke

A artista inspirou-se na Nossa Senhora de Guadalupe, colocando várias mãos como forma de proteger os direitos linguísticos, 12 olhos em homenagem às 12 vítimas de complicações cirúrgicas do implante coclear e ainda é possível ver a representação do audismo por baixo da imagem.



Dia Mundial do Surdo, por Francisco Goulão

É possível ver os atributos da efeméride do Dia Mundial do Surdo, em especial o vocabulário que o artista pretende ensinar.



Dia Nacional da LGP, por Francisco Goulão

Também surgem os atributos do Dia Nacional da LGP, além disso é possível ler o que consta da Constituição da República Portuguesa aquando do reconhecimento da LGP como língua oficial de Portugal, dando origem à efeméride.

No cinema, é possível encontrar Surdos a representarem em filmes e séries como o caso de Katie Leclerc, Sean Beady, Millie Bobby Brown, Marlee Matlin e Troy Kotsur. Os dois últimos ganharam Óscares de melhores atores, sendo que Matlin venceu o Óscar de melhor atriz no filme “Filhos de um deus menor” em 1986 e Kotsur de melhor ator secundário, em 2022 pelo filme “CODA – No ritmo do coração”. Se tudo isto dá uma ideia do avanço da indústria cinematográfica nos EUA, vejamos os passos a nível nacional: em Portugal existem duas produtoras criadas por Surdos, a saber “FilmeSurdos” e “GestoFilmes”. Ainda no ramo teatral a companhia PELE fez uma parceria com a Associação de Surdos do Porto (ASP) e criou várias peças como “Nascemos da água e à água voltaremos”, “Eram umas quantas vezes”, “Quase nada”, “Nós”. (PELE, s.d.)

Mais, a APS considera Serafim Nunes Morais como o pai do teatro Surdo português, um dos autores da primeira peça teatral organizada pela mesma associação, “O Retiro dos Pacatos”, além de várias peças de teatro mímico, cujos esforços contribuíram para que a APS participasse no Festival de Teatro Amador de Lisboa a partir de 1980. Atualmente o teatro na ASP funciona ininterruptamente sob a direção do encenador e ator António Mendes, mais conhecido pelo nome artístico Tony Weaver. (APS, s.d.)

Em Paris (França), por sua vez existe uma companhia de teatro, a International Visual Theatre (IVT), que é liderada pela atriz francesa Surda Emmanuelle Laborit que, para além do ramo de teatro, também escreveu um livro intitulado “O Grito da Gaivota”.



Marlee Matlin

vencedora do Óscar de melhor atriz em 1986. Pelo filme “filhos de um Deus menor”.



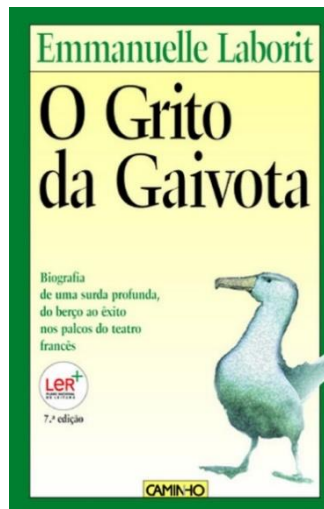
Troy Kotsur

vencedor do Óscar de melhor ator secundário em 2022, pelo filme “CODA – No ritmo do coração”.



Emmanuelle Laborit

Atriz, autora francesa e presidente da
IVT.



O Grito da Gaivota

Escrito por Emmanuelle Laborit.
Nele, a atriz expressa as suas vivências.

Também existem vídeos amadores no Youtube, onde os Surdos divulgam muitas vezes o chamado “Visual Vernacular”, uma espécie de poema gestual parecido com mímica. Um dos grandes exemplos artísticos do Visual Vernacular é Ian Sanborn, um artista, poeta e professor Surdo.



Elenco do projeto “Mãos que Cantam”

Curiosamente, para além da poesia, também existe Arte Surda na música, ainda que a interação da Comunidade Surda com esta área seja difícil, prova ainda que nada é impossível: A Universidade Católica lançou o projeto “Mãos que Cantam”. Trata-se de um coro de Surdos que exprime em língua gestual as mais diversas melodias. Internacionalmente, Marko Vilhelm Vuoriheimo é um exemplo de pessoa Surda no ramo musical: É um rapper finlandês de uma banda de 2, conhecidos como SignMark, têm vários trabalhos musicais, todos eles feitos em LG que podem ser vistos no Youtube.



Em 2023, a Federação Mundial de Surdos (WFD) elegeu uma bandeira para representar os Surdos de todo o mundo, o que se torna uma forma de identidade, como acontece com as bandeiras nacionais. A representação das mãos (uma azul e outra amarela) claramente aludindo às LGs, onde também os diversos usuários das mesmas são incluídos e os cinco dedos mencionam os continentes. O azul, especialmente o turquesa, é a cor que representa a Comunidade Surda e a sua História, como acontece no evento setembro azul, sendo que o azul-escuro representa a humanidade. O amarelo que separa os tons azuis, traz a luz e a esperança, segundo o criador desta bandeira, Arnaud Ballard, que é Surdocego.



Como exemplificado acima, as artes são uma forma cultural de exprimir a identidade, mas não só de artes se constrói uma cultura, constrói-se também de comportamentos e hábitos de um grupo ou sociedade, como exemplificado no capítulo anterior acerca do povo cigano e da sua cultura própria - o que pode referir-se a hábitos – que gera tabu e perseguição. Então, serão enumerados alguns pontos de situação comum entre os Surdos portugueses:

1. Os Surdos têm por hábito terem conversas de longa duração. Quando saem dos estabelecimentos ainda ficam a conversar à entrada;
2. Num banquete, é habitual conversarem mais do que comerem, maioritariamente conversam antes de comer;
3. As Associações de Surdos promovem muitas atividades no âmbito da convivência entre Surdos, em Lisboa por exemplo, organizam convívios entre seniores às quartas-feiras;
4. Nas escolas, é costume os alunos Surdos conviverem em salas de convívio ou em locais com mais espaço, para uma fácil visualização e mais liberdade no uso de gestos;
5. Ao contrário da sociedade em geral, apontar para algo é visto como algo normal na comunicação entre Surdos;
6. Nos jogos de futsal os Surdos podem fortalecer a coesão e a comunidade. A comunicação visual é forte porque dependem muito dos gestos e tais jogos têm sinalização específica: Árbitros usam sinais claros e visíveis para tomar decisões compreensíveis;

7. Frequentes videochamadas nas redes sociais;
8. Os Surdos só frequentam festivais e concertos se estes tiverem intérpretes de LG.

Para cada um dos pontos acima citados, eis uma crítica face ao comportamento típico das pessoas Surdas:

1. Devido ao ambiente oral, é natural que um Surdo esteja mais à vontade no uso da LG, daí o prolongamento do tempo do diálogo, desde que convenha no cumprimento das normas dos estabelecimentos.
2. Tal como indicado no ponto 1, a LG é muito valorizada entre Surdos, levando-os a comunicarem. Embora exista quem aja corretamente, convém não desperdiçar alimentos.
3. Para que uma Associação não esteja ao abandono, é fundamental um ambiente ativo da mesma através de diversas atividades no âmbito da convivência entre Surdos para preservação da identidade.
4. Geralmente, esta situação é muito apropriada e tem o seu porquê de espaços abertos dentro da escola.
5. Podem correr o risco de chamar a atenção à sua volta e serem mal vistos, no entanto, os mais jovens conseguem criar uma forma discreta de apontarem para algo.
6. Tudo adaptado conforme, neste contexto. Existem, no entanto, alguns fatores a melhorar, como sinais luminosos por parte da arbitragem: Uso de lanterna, por exemplo.
7. A videochamada é uma tecnologia que tem vindo a melhorar o quotidiano dos Surdos, cuja preferência por essa ferramenta é mais forte do que a da escrita. Apenas a desvantagem aponta para o vício e perda de tempo para as coisas fundamentais.
8. Forte vantagem para o trabalho do intérprete de LG, além da acessibilidade. No entanto, convém os Surdos saberem adquirir bem a informação apresentada e estarem cientes da mesma para agir, ou seja, perceber bem o que é cantado ou dito pelo intérprete e inspirarem-se, promover a diversão e a criatividade ou outro modo de participar com base no que foi informado.

Conforme avaliação ponto a ponto a respeito do quotidiano das pessoas Surdas, nenhuma atitude foi considerada como errada. Assim, vale a pena realçar esses tipos de situações pois são fundamentais para o ensino formal no que respeita a Cultura Surda. Nos dois primeiros pontos, bem como no ponto 6 existe uma grande valorização da LG. As Associações de Surdos, referidas no ponto 3, estão presentes no programa curricular para dar a conhecer a existência das mesmas e das suas atividades. As lutas dos Surdos para uma boa acessibilidade à informação, como é o caso do ponto 7, também devem ser reforçadas no ensino formal para que os alunos Surdos saibam os seus direitos no âmbito da acessibilidade.

Estes são alguns exemplos que confirmam a necessidade do ensino da Cultura Surda, no que diz respeito ao modo de agir no quotidiano, para além da história, literatura e artes. Assim, pretendemos justificar o ensino da Cultura Surda nas aulas de LGP, como meio de reforçar a identidade dos Surdos, não só tendo em conta o uso correto da língua, como também o conhecimento da história, de artistas Surdos e suas obras, que podem inspirar a criatividade e o conhecimento de certas condutas e seus porquês. Se fosse somente a gramática da LGP, o que é compreensível dado ser uma disciplina de língua, tal como acontece na disciplina de língua portuguesa, Behares (1987) lembra que a aceitação de uma língua implica sempre a aceitação de uma cultura (Paula, 2009).

Portanto, a importância da incorporação da Cultura Surda no programa curricular de LGP visa reforçar a valorização da LG e a identidade do aluno como parte da Comunidade Surda. Caso contrário, a aprendizagem da LG é como se fosse uma segunda língua. Logo a incorporação da Cultura Surda contribui para o entendimento e valorização da LG. A aceitação deste formato do programa curricular por parte do Ministério da Educação é uma incógnita, mas é de extrema importância estar sensível à afirmação de Behares, já citada acima, que aceitar uma língua implica aceitar também uma cultura.

Se só existe uma cultura, até porque os Surdos portugueses estão em Portugal, vale a pena enfatizar que um determinado país pode ter várias comunidades e hábitos culturais que variam de região para região através de trajes típicos, danças, gastronomia e muitas tradições que identificam as comunidades e os habitantes locais de forma orgulhosa. Aliás, é deste modo que a globalização que conhecemos não funciona exatamente a 100% devido a essa preservação cultural de cada povo. Assim os Surdos também exibem o seu mundo, visual, mesmo pertencendo a um país seja ele qual for; Cristina Gil (2019) garante que a Cultura Surda é um fenómeno nacional

quando um país inclui uma série de características que os Surdos partilham com a população. Falar de Cultura Surda aos mais jovens é uma tarefa da escola pois é o ambiente certo para transmitir conhecimento, sem prejuízo para a cultura nacional. Os jovens que se identificam com a Cultura Surda amam, ao mesmo tempo, o seu país.

Atualmente, os jovens têm um grande apego às redes sociais nas quais seguem jovens populares, designadamente influencers e youtubers. No que respeita a Cultura Surda, é possível encontrar vídeos onde Surdos apresentam os seus vídeos, sejam eles tutoriais, viagens feitas e contadas em LG, até mesmo poesia e visual vernacular, como já referido anteriormente acerca das diferentes formas artísticas e nomeados alguns artistas Surdos. Deste modo, é possível apresentar vídeos recentes desde que sejam lúdicos, para a construção da Cultura Surda.

Em geral, a Cultura Surda é ensinada em fases distintas que, segundo o programa curricular, apresentam: no primeiro ciclo, a maior parte é ensinada de forma literária, através de livros como “Mamadu”, “Sou Asas”, “Rapunzel Surda”, “Aventura no Zoo”, entre outras simples histórias onde são inseridas crianças surdas a protagonizar aspetos reais da Cultura Surda, sendo um modo mais simples de envolver a criança no mundo visual da Comunidade Surda. No segundo ciclo, a Cultura Surda é apresentada através do uso das novas tecnologias e com base na existência de comunidades Surdas noutros países. Trata-se do primeiro passo para conhecer as diferentes formas de ultrapassar os obstáculos da comunicação através das tecnologias e entender a diversidade das Línguas Gestuais (LGs), bem como as semelhanças do modo de vida dos jovens Surdos fora do país, de modo a evitar alguma confusão a respeito das diferenças gestuais dado o fácil acesso às tecnologias. Assim, no terceiro ciclo a Cultura Surda passa a ser construída de forma artística: na poesia, no Visual Vernacular, no humor entre outras temáticas, uma vez que grande parte da gramática da LGP já está assimilada. As mesmas temáticas artísticas são reforçadas no ensino secundário de uma forma mais elaborada, por vezes exigente, em comparação ao terceiro ciclo o que simplesmente quer dizer que é um novo nível na interiorização da Cultura Surda através da LG.

Em comparação com o ensino noutros países, o Brasil é um exemplo não muito diferente, uma vez que o Decreto nº 5.626/2005 foi um marco importante para a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) que regulamentou o seu uso em diferentes áreas, incluindo a educação. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) foi outro avanço para o acesso das pessoas com deficiência à educação inclusiva que, embora não determine a obrigatoriedade do ensino de Libras, cria o alicerce para que as iniciativas de inclusão possam crescer no ambiente educacional, isto é, há ainda um longo caminho para que a inclusão seja vivida em plenitude. Cada estado do Brasil tem o seu modo de ensino, por exemplo, no estado de São Paulo, existem escolas bilingues localizadas na cidade de São Paulo, como a Escola Municipal de Ensino Bilingue para Surdos (EMEBS) Helen Keller, EMEBS Prof. Mário Pereira Bicudo, EMEBS Neusa Bassetto, entre outras, que ensinam Libras e a língua portuguesa como segunda língua. Com base nos *“Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilingue de Surdos”*, coordenada por Marianne Stumpf (2021) afecta à Universidade Federal de Santa Catarina (USFC), no estado de Santa Catarina, é apresentando um pequeno exemplo do programa curricular de Libras no ensino fundamental, que se encontra entre o 1º e o 9º ano, no qual se destacam conteúdos como “percepção de elementos da Cultura Surda nos textos sinalizados” (Stumpf, 2021, p.99) e “uso de elementos da cultura surda nos textos sinalizados” (Stumpf, 2021, p.100).

Ao estudar a literatura em Libras, dão-se ainda pistas de como identificar os personagens Surdos nas narrativas, a importância da LG para os Surdos e de reconhecê-la como língua, bem como o Surdo saber identificar-se como tal. O programa tem também *“Estratégias culturais surdas em diálogos sinalizados”* no eixo da fala e diálogo em Libras, o que incentiva à interação a respeito das situações relacionadas com Cultura Surda, comportamentos característicos de um personagem de uma narrativa e criação de uma peça de teatro (Stumpf, 2021, p.101). Muitas vezes logo nos primeiros anos do ensino fundamental, existe também a criação de narrativas e poemas, sendo possível encontrar uma forte valorização da Cultura Surda, procurando ensiná-la o mais cedo possível através da literatura e artes surdas. Assim, com o passar dos anos, as competências a serem desenvolvidas conforme os objetos de conhecimento são semelhantes. À medida que os alunos avançam no currículo desenvolvem outras competências, por outras palavras, o grau de dificuldade dos conteúdos parte dos mais básicos para os mais aprofundados, tal como o exemplo das *“Estratégias culturais surdas em diálogos sinalizados”* que, nos últimos

anos do ensino fundamental, começa a explorar o humor Surdo com histórias e interações e, ainda, a batalha de poesias, conhecidas como “slam” (Stumpf, 2021, p.154). Concluindo esta análise, é possível inferir que, as crianças surdas brasileiras são precocemente preparadas para a criatividade na Libras e no conhecimento da Cultura Surda.

Abaixo é apresentada uma grelha que apresenta de forma sucinta algumas diferenças e semelhanças nas LG’s de Portugal e do Brasil e nos seus métodos de ensino:

Portugal	Brasil
Língua Gestual Portuguesa	Língua Brasileira de Sinais
Reconhecida como língua pela Constituição em 15 de novembro de 1997.	Reconhecida como língua das comunidades surdas brasileiras, na Lei 10436/02, de 24 de abril.
Programa Curricular homologado por Despacho de 18 de dezembro de 2007 do Secretário de Estado da Educação.	Libras regulamentada pelo Decreto 5626/05, de 22 de dezembro.
Inclusão do ensino formal da LGP a alunos surdos em EREB desde a educação de infância.	Ausência de obrigatoriedade do ensino formal da Libras a alunos surdos.
Áreas nucleares: Interação em LGP; Estudo da Língua; Literacia da LGP; LGP, Comunidade e Cultura	Eixos: Compreensão/leitura em Libras; Produção/Escrita em Libras; Fala e diálogo em Libras; Análise linguística da Libras; Crítica e formulação de opinião em Libras
Alunos Surdos	Alunos Surdos
Professores de LGP	Professores de Libras
Materiais didáticos (1º ciclo): “Mamadu”, “Sou Asas”, “Rapunzel Surda”, “Aventura no Zoo”, entre outros	Materiais didáticos (ensino infantil): “O feijãozinho surdo”, “Cinderela surda”, “Rapunzel surda”, “A formiga indígena surda”, entre outros
Datas comemorativas: 23 de abril – Dia Nacional da Educação do Surdo 24 de setembro – Dia Nacional do Surdo 15 de novembro – Dia Nacional da LGP	Datas comemorativas: 23 de abril – Dia Nacional da Educação de Surdos 24 de abril – Dia Nacional da Libras 26 de setembro – Dia Nacional dos Surdos

Quanto às estratégias para o ensino da Cultura Surda nos dois países (acima apresentadas), não existe superioridade: Cada país tem as suas vivências históricas, formas de aprender, bem como perspetivas próprias para criarem os seus programas curriculares. De facto, a estrutura dos Referenciais analisados anteriormente é apresentada como um apontamento de possíveis direções (Stumpf, 2021, p.24) e assim, a estrutura dos currículos de cada estado brasileiro é diferente, como é o caso do estado de São Paulo, cuja cidade homónima tem um programa curricular designado como “Orientações Didáticas do Currículo da Cidade”, da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, de 2021 e nele os eixos são “uso da Língua de Sinais; Identidade Surda; Prática de Análise Linguística e Arte e Literatura Surda” (Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, p.11).

O programa curricular de LGP tem orientações para o ensino básico como o uso da Literatura Surda no 1º ciclo, além da produção gestual mesmo que ~~se~~ tão simples, o que pode ser suficiente para alicerçar a Cultura Surda nos primeiros anos, tendo mais peso no 2º e 3º ciclos e ensino secundário. Em suma, seria uma mais-valia se o programa curricular português pudesse inspirar-se no exemplo brasileiro por forma a permitir uma construção mais eficaz da Cultura Surda. É também pertinente estar atento à assimilação de cada aluno em tenra idade e que é sempre fundamental começar pelo mais básico. Curiosamente, o conto “Rapunzel Surda” é um material didático que foi criado no Brasil e Portugal adquiriu-o para o ensino no 1º ciclo, traduzindo-o para LGP, o que não deixa de ser um bom exemplo de similaridades do ensino em ambos os países. Além disso, seria ainda enriquecedor acrescentar mais temas ao programa curricular de LGP, como por exemplo a batalha de poesia, que é ausente ou, salvo conhecimento e criatividade de alguns professores de LGP, muito rara. Por fim, são apenas sugestões para melhorar o programa curricular do ensino da LGP, bem como acrescentar novos temas e materiais didáticos mais atualizados.

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Foi adotada uma abordagem metodológica quantitativa para explorar a importância da Cultura Surda no ensino da LGP. Escolhemos a metodologia quantitativa devido à sua capacidade de recolher e analisar os dados numéricos que permite estabelecer padrões, tendências e relações entre as variáveis. A pesquisa foi conduzida em duas etapas principais: recolha de dados por meio de um questionário estruturado e análise dos resultados utilizando métodos estatísticos apropriados. Houve lugar à análise crítica quando comparamos os resultados obtidos com a realidade existente nas práticas de ensino da Cultura Surda.

Acontece que as diferentes áreas artísticas e os hábitos do quotidiano dos Surdos enumerados no capítulo anterior, podem ser acrescentados ao currículo para clarificar a identidade dos Surdos e a valorização da LG, promover a união entre a comunidade e o direito à acessibilidade. A exclusão de tudo isto no programa curricular do ensino da LGP impedirá a criatividade no uso da LG, bem como a identidade assumida pela pessoa Surda. Por exemplo, se as Associações de Surdos não forem abordadas nas aulas de LGP, não será fácil para um aluno Surdo conhecer a existência delas, suas localizações, não terá como pesquisar as atividades propostas pelas Associações e ainda não vai tomar a iniciativa de fazer parte de uma associação em prol da Comunidade Surda.

De facto, o programa curricular da LGP compreende-se em quatro áreas nucleares: interação em LGP; estudo da Língua; literacia da LGP e LGP, comunidade e cultura. As duas primeiras áreas centram-se na gramática da Língua Gestual e as duas últimas incluem temas já referidos no capítulo anterior, sendo que na Literacia da LGP está prevista a literatura, poesia, humor, entre outros assuntos referentes à gramática de modo enriquecido e ainda na produção da LGP. Já na LGP, Comunidade e Cultura, como o nome indica, incluem aspetos culturais e históricos que definem a Comunidade Surda. Na prática, é comum o ensino dessas áreas, principalmente desde o 2º ciclo até ao ensino secundário. Em algumas efemérides existem trabalhos expostos, sejam eles cartazes, vídeos ou apresentações em palco, dependendo da criatividade dos professores de LGP para orientar. Quanto à aquisição por parte dos alunos Surdos esta depende do interesse nos conteúdos ou da capacidade de cada um em dominar a língua.

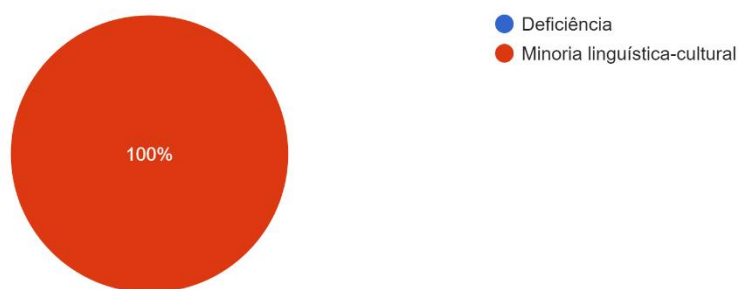
Foi então realizado um questionário destinado a todos os professores de LGP, sejam eles Surdos ou ouvintes, bem como para professores Surdos de outras áreas de ensino com o intuito

de recolher a opinião da maioria a respeito do ensino da Cultura Surda na atualidade. Apenas participaram 22 inquiridos no questionário com 10 perguntas, uma de escolha múltipla e as restantes com uma escala de 1 a 5. Os resultados serão apresentados conforme a maioria respondeu em cada questão:

Na primeira questão, a única de escolha múltipla, pergunta-se se a maioria vê a pessoa Surda apenas como portador de uma deficiência ou fazendo parte de uma minoria linguística-cultural. 100% dos inquiridos garantem que a pessoa Surda faz parte de uma minoria linguística-cultural, facto fundamental para alicerçar a Cultura Surda: A identidade da pessoa Surda.

1 - Considera que a pessoa Surda faz parte da deficiência ou minoria-cultural?

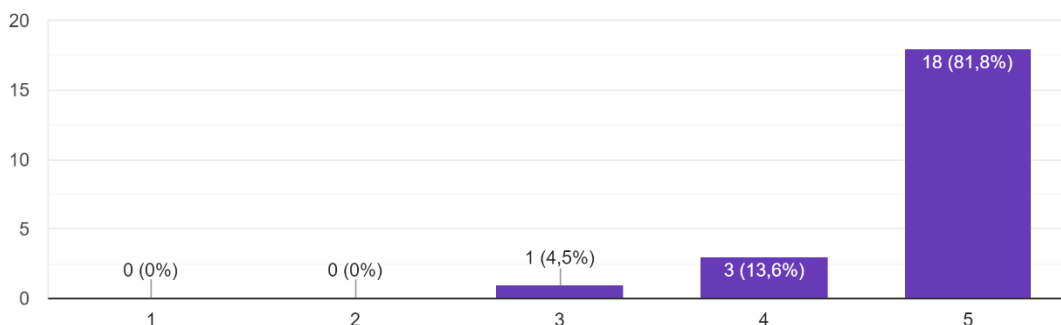
22 respostas



A segunda questão avalia, de 1 a 5, a importância da inclusão da Cultura Surda no currículo da disciplina de LGP e 81,8% dos inquiridos atribuíram 5.

2 - Numa escala de 1 a 5, qual é a importância que atribui à inclusão da Cultura Surda no currículo?

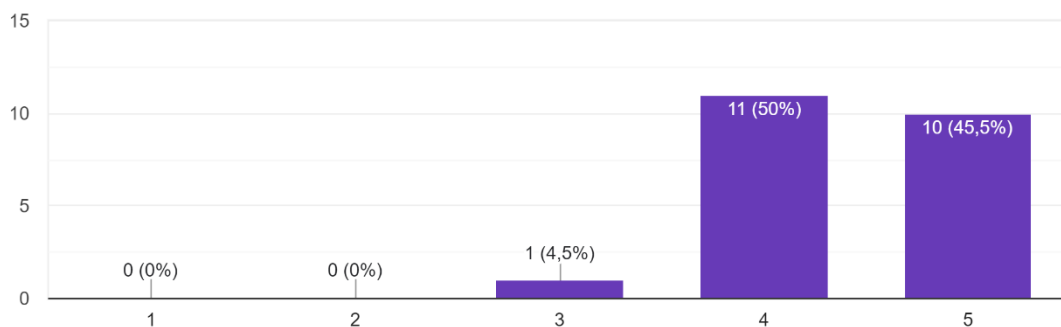
22 respostas



A terceira questão, pretende aferir da confiança individual face à incorporação eficaz da Cultura Surda no currículo. 50% sente-se confiante com atribuição de 4.

3 - Numa escala de 1 a 5, avalie a sua confiança em incorporar eficazmente a Cultura Surda no currículo.

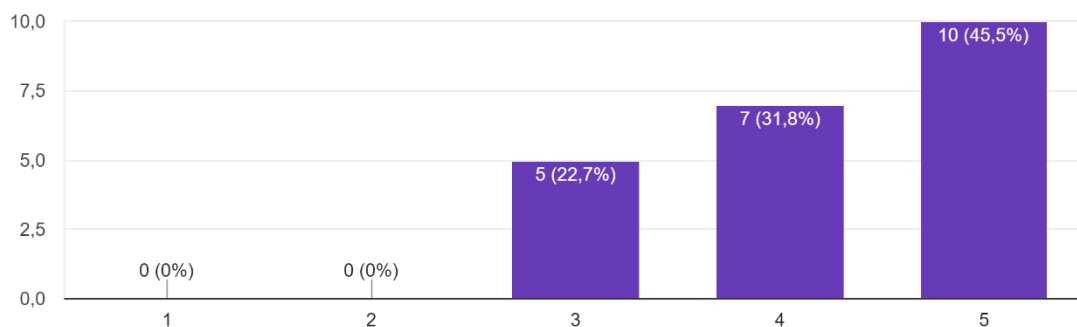
22 respostas



Mesmo incluindo neste inquérito professores ouvintes nas aulas de LGP, pergunta-se agora de que forma a formação de profissionais influencia a integração da Cultura Surda no currículo: 45,5% dos inquiridos garantem que a mesma tem influência classificando a pertinência em 5, o que é muito bom.

4 - Numa escala de 1 a 5, avalie como a formação de profissionais influencia a integração da Cultura Surda no currículo

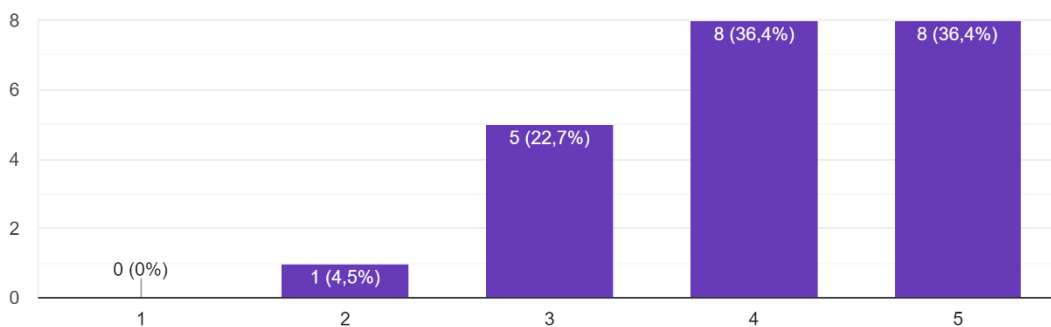
22 respostas



No que toca à contribuição da Cultura Surda para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo, a valoração de 4 e de 5 ficaram empatadas com 36,4% das respostas. Contudo, aquela percentagem é significativa face à atribuição de 3 (22,7%) e de 2 (4,5%).

5 - Em que medida acredita que a Cultura Surda pode contribuir para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo?

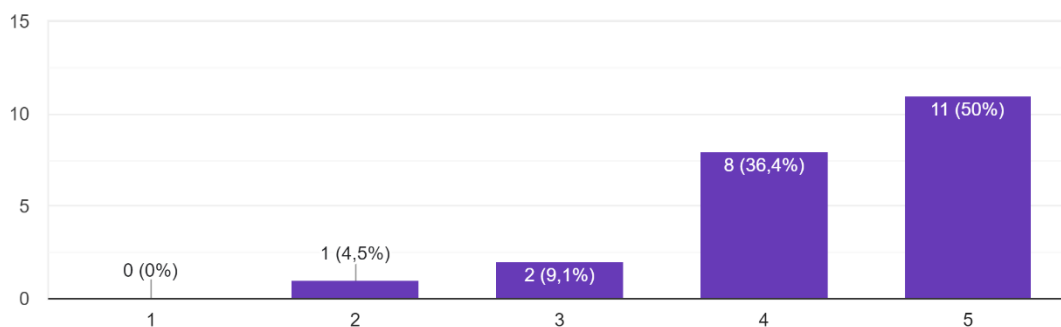
22 respostas



A sexta pergunta aborda o facto de o conhecimento da Cultura Surda poder melhorar a comunicação entre professores e alunos Surdos e 50% garantem que pode melhorar a comunicação, assinalada com 5.

6 - Acredita que o conhecimento da Cultura Surda pode melhorar a comunicação entre professores e alunos Surdos?

22 respostas

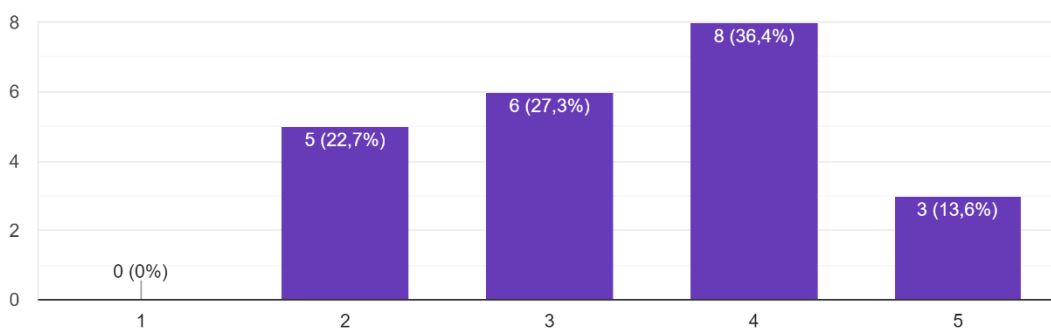


No que toca à sétima questão, acerca de como os recursos educativos estão adequados à integração da Cultura Surda no ensino, 36,4% garantem uma adequação pontuada em 4, e foi a

única questão onde a valoração de 2 teve mais respostas situando-se nos 22,7%. Esta percentagem reflete a necessidade de mais recursos educativos para o ensino da Cultura Surda, mesmo que a situação esteja no bom caminho, de acordo com os 8 inquiridos assinalaram 4.

7 - Numa escala de 1 a 5, avalie como os recursos educativos estão adequados à integração da Cultura Surda no ensino.

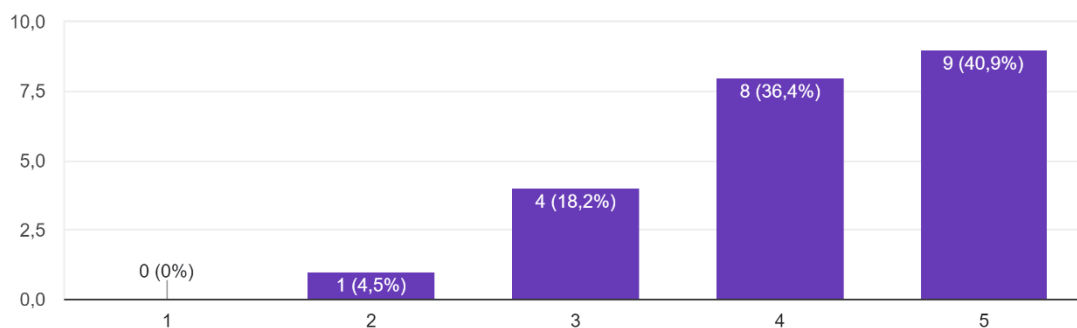
22 respostas



A oitava questão procura avaliar como a Cultura Surda contribui para o desenvolvimento académico e cultural dos alunos Surdos: 40,9% dos inquiridos garantem que tal contribuição é fundamental resultando no valor máximo que a escala permite, 5, o que enfatiza ainda mais a importância do ensino da Cultura Surda na disciplina de LGP.

8 - Numa escala de 1 a 5, avalie como a Cultura Surda contribui para o desenvolvimento académico e cultural dos alunos Surdos.

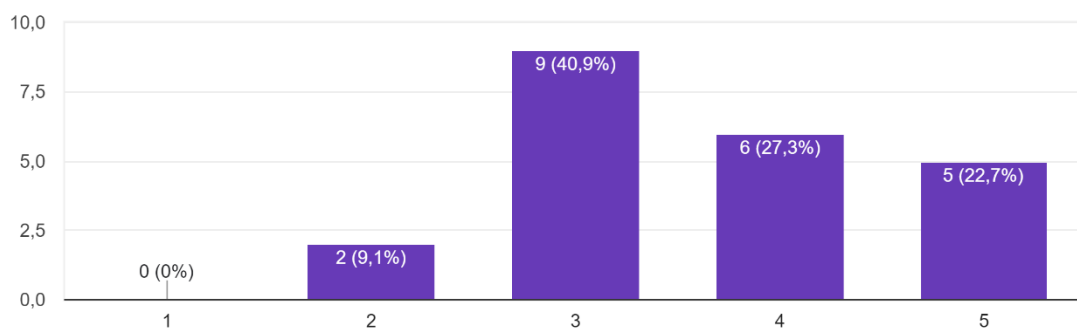
22 respostas



No entanto, na nona questão, face ao papel da colaboração entre a escola e a Comunidade Surda na promoção da Cultura Surda, a maior parte das respostas, 40,9%, encontra-se no 3, por outras palavras, bastante razoável.

9 - Como vê o papel da colaboração entre a escola e a comunidade surda na promoção da Cultura Surda?

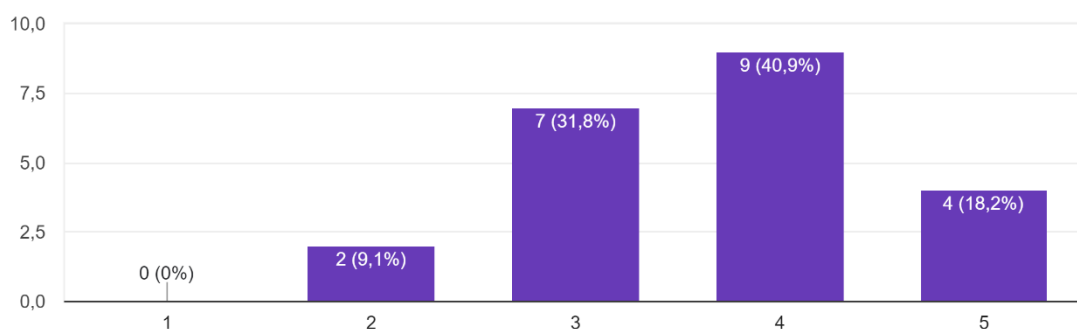
22 respostas



A última questão, sobre como cada um encara o futuro da Educação Bilíngue de alunos Surdos em relação à promoção da Cultura Surda, 40,9% estão otimistas, com uma escala de 4.

10 - Como encara o futuro da Educação Bilíngue de alunos Surdos em relação à promoção da Cultura Surda?

22 respostas



Em resumo, os resultados obtidos mostram-se favoráveis à inclusão da Cultura Surda no currículo da disciplina de LGP, visto que a maioria dos 22 participantes manifestou a sua relevância em cada questão, demonstrando assim que o ensino da Cultura Surda está no bom caminho, seja

na formação de profissionais, no desenvolvimento dos alunos Surdos ou no uso de recursos educativos adequados. No entanto, mesmo obtendo valoração significativa, não se entenda que esteja tudo resolvido, pelo que há um longo caminho a percorrer para melhoramentos na promoção da Cultura Surda no ensino.

Na primeira questão, apesar de todos responderem que a pessoa Surda está inserida numa minoria linguística-cultural, existem algumas opiniões que secretamente concordam que se trata de uma deficiência, uma perspetiva que vai ao encontro do modelo médico, quer pela aceitação de um argumento ditado pela maioria, deixando-se assim serem “colonizados” por uma sociedade ouvinte, quer para usufruir de benefícios prometidos pelo Estado. Urge continuar a manifestar que uma pessoa Surda tem capacidades iguais às pessoas isentas de qualquer deficiência, entendendo a surdez como uma diferença e não como uma deficiência, caso contrário não faz sentido afirmar uma identidade que se destaca das demais. De facto, a criação dos Surdolímpicos, citada no capítulo anterior, exemplifica a afirmação da identidade quando os Surdos não aceitaram a unificação das Surdolimpiadas nos Jogos Paralímpicos proposta pelo COI.

Na segunda e terceira questão, que diz respeito à Cultura Surda no currículo, fica garantido o quão importante é o ensino da mesma, mas o grau de confiança que os inquiridos revelam denuncia algum receio, visto não estar no valor máximo que a escala permite. Relacionada está a quarta questão, a respeito da formação de profissionais: A maioria atribui o valor máximo escala, 5, no entanto existe uma grande diferença na formação de profissionais ao longo do tempo; se inicialmente não havia formação para a temática da Cultura Surda, mas os Surdos iam construindo a sua identidade, atualmente essa identidade é facilmente ensinada acerca das vivências de alguns Surdos mais velhos, bem como os que foram considerados líderes da Comunidade Surda. Portanto, no que diz respeito à influência dos profissionais na integração da Cultura Surda graças à formação dos mesmos, na quarta questão a atribuição de 3 e 4 podem parecer mais fiáveis do que o 5.

Se a maioria acredita que a Cultura Surda contribui para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo, na atribuição de 4 e de 5, podemos fazer depender essa inclusão, também, dos conteúdos escolhidos para os alunos ouvintes; uma vez que a maior parte do que se ensina é vocabulário, ou seja, a LG como segunda língua, o que é um passo para uma existir comunicação, no que respeita questão da Cultura Surda dever-se-ia expandir o currículo no ensino da LG com o objetivo de dar a conhecer a cultura dos Surdos. Outra forma de dar a conhecer a

Cultura Surda é através da exposição de trabalhos, como pinturas alusivas, poemas gestuais em festas de Natal e a celebração de datas respeitantes à Comunidade Surda. Se se pode melhorar a comunicação entre professores e alunos, como a maioria acredita, no entanto mais presente entre professores Surdos e os profissionais de ensino da LG, sendo estes os mais entendidos na Cultura Surda, é do interesse de todos um bom envolvimento com os alunos Surdos.

Os recursos educativos, sejam eles materiais palpáveis ou não, embora estejam adequados ao ensino da Cultura Surda, a diversidade e o acesso aos mesmos são escassos, pelo que a acessibilidade poderia estender-se a qualquer livraria (no caso dos livros) ou a um website no âmbito da educação inclusiva com os recursos disponíveis. Compreendemos que certos artistas se ausentem e deixem de publicar a sua arte por questões pessoais, causando assim a falta de novidades gestuais; neste sentido e para promover continuidade, fica a aposta feita nas novas gerações. Além disso, também depende do modo como um docente Surdo ensina: nem sempre tais materiais são necessários e é o próprio docente que dá o seu exemplo.

Na questão seguinte, sobre o desenvolvimento académico e cultural dos alunos Surdos, mesmo que garantam um bom desenvolvimento, atribuição de 5, é notória a limitada produção artística por parte dos jovens Surdos como passatempo, quer pela falta de tempo ou pela falta de criatividade; as redes sociais são de facto uma constante na atualidade e estas tornaram-se uma forma rápida de divulgar vários tipos de informações, de modo a envolver também a difusão de uma cultura, tal como no primeiro capítulo em que aludimos ao exemplo da cultura popular, quando é uma população a ter acesso à mesma. Atualmente, é fácil aceder a uma rede social e encontrar qualquer informação, seja um vídeo, um artigo ou uma imagem. No entanto, poderá ser pela pouca informação dada sobre a Cultura Surda nas aulas, conforme dito no parágrafo anterior.

A parca colaboração das escolas com a Comunidade Surda é algo comum devido às divergências quotidianas e culturais, no entanto essas situações resolvem-se através de projetos propostos pelos docentes às direções escolares, tais como visitas de estudos a Associações de Surdos locais, dependendo das atividades existentes, bem como atividades no âmbito das efemérides alusivas à Comunidade Surda, tais como o Dia Nacional da LGP, celebrada a 15 de novembro e o Dia Nacional da Educação dos Surdos a 23 de abril. Com ou sem ajuntamentos de outras EREB, falamos ainda da sensibilidade que se requer das direções para permitir visitas de

estudos. Aulas para alunos ouvintes é outra forma colaborativa entre a escola e a disciplina de LGP, tendo uma escola de Viseu dado o seu exemplo.

Assim, a última questão a respeito do futuro da Educação Bilingue no que toca a promoção da Cultura Surda, a maioria atribuiu 3 e 4 e não o 5, valoração máxima na escala apresentada. À partida pode inferir-se que não há certezas acerca do futuro, mas também denuncia que não será perfeito dadas as situações anteriores, ou pode permanecer na mesma do que se vê atualmente. Então, para uma melhor promoção da Cultura Surda, basta seguir as recomendações apresentadas anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme toda a pesquisa apresenta, existem muitas definições sobre a Cultura, bem como vários tipos da mesma, dependendo de como é construída. Assim, alguns tipos de cultura são apropriados para o ensino com o simples objetivo de salvaguardar a identidade e valores da cultura que se pretende ensinar ao aluno, como é o caso da cultura erudita, assim como nos Açores haver uma disciplina sobre a História e Cultura do arquipélago. Além disso, o ensino da diversidade cultural é defendido para mitigar o bullying.

Existe uma cultura na Comunidade Surda, notoriamente apresentada em alguns comportamentos típicos e nas artes expressas, sejam nas pinturas, ou na literacia da LG (teatro, poesia, visual vernacular, entre outros) de forma a valorizar a LG. Essa cultura pode ser ensinada nas aulas, graças às respostas positivas recolhidas no inquérito, mesmo que haja um longo caminho para aperfeiçoar o modo de salvaguardar a Cultura Surda através do ensino. Caso contrário, conhecer e saber da Cultura Surda torna-se difícil, encontrá-la nas artes ou em festivais ou ainda nas redes sociais, empobrecendo a literacia. Neste enalço, é pertinente despertar o

interesse dos jovens para o conhecimento da História dos Surdos e para a criatividade das artes e do uso da LG, de forma a construir uma identidade e permitir que as lutas pelos direitos sejam eficazes.

Tal como apresentado no enquadramento metodológico e com base nos resultados do questionário, é possível ensinar a Cultura Surda nas aulas de LGP. Apesar dos bons indicadores, não quer dizer que esteja tudo feito no ensino, pois, existe um longo caminho para aperfeiçoar o modo de dar a conhecer a Cultura Surda. Para começar, é óbvio que vários temas estão presentes no programa curricular de LGP e é nas áreas nucleares que a Cultura Surda tem mais destaque. Parte do próprio docente de LGP elaborar estratégias para ensinar cada tema em aula, de forma a cativar os alunos Surdos. De facto, se um docente de LGP convive frequentemente com Surdos, tem uma participação ativa numa associação de Surdos e está a par de novidades e eventos relacionados com a Comunidade Surda, então será fácil apresentar muitos conteúdos da Cultura Surda para uma boa assimilação da Cultura Surda por parte dos alunos. Melhor ainda se esse mesmo docente for nativo da Comunidade Surda, pois o mesmo pode acontecer na disciplina de inglês por exemplo, em que um docente nativo da língua inglesa ensina de forma mais fluente e mais lógica do que os que assimilaram a língua academicamente.

Além dos conteúdos teóricos da Cultura Surda no programa curricular de LGP, é pertinente a existência de mais exemplos de poesia, Visual Vernacular, peças de teatro, entre outros vídeos disponíveis, pois facilitam a elaboração de ideias por parte dos alunos. Caso a existência for escassa, o docente sempre pode dispor de alguma criatividade para dar o exemplo. Também as visitas de estudo ampliam a integração dos alunos Surdos na Cultura Surda, por exemplo uma ida a uma Associação de Surdos contribui para um conhecimento da mesma. Em efemérides dedicadas à Comunidade Surda como o Dia Nacional da LGP ou o Dia Nacional da Educação de Surdos, um encontro de escolas com atividades programadas, como jogos, convívios e principalmente peças em palco, fará com que os alunos Surdos conheçam outros alunos de forma a interagirem abertamente e aprofundarem a identidade Surda.

Estes exemplos podem contribuir para uma boa estruturação da identidade e Cultura, mas convém outros bons incentivos como por exemplo, o Festival Nacional da Arte Surda (FNAS) que promove a exposição de muitos tipos de arte concebida por Surdos e com concursos que

elegem o trabalho artístico; além de se poderem fazer workshops sobre várias formas de arte, é possível inspirar os mais jovens a criarem e a exporem a sua criatividade e, do mesmo modo, incentivarem os artistas Surdos a perseverarem as suas obras para os anos vindouros. E é em nome destes anos vindouros que se procura preservar a Cultura Surda ao ponto que o uso da LG de forma criativa demonstre a identidade e as capacidades de cada Surdo ao interagir com outros semelhantes em comunidade. Deste modo, enquanto Comunidade Surda unida numa Cultura é promovida a luta com mais fluidez e firmeza pelos seus direitos. Portanto, o Programa Curricular da LGP pode ser enriquecido tanto a nível teórico como a nível prático no que diz respeito à Cultura Surda, que surge sob várias formas no mesmo e, por muito que os temas sejam suficientes e apropriados para cada ano de escolaridade, reforçar mais alguns temas pode melhorar a perceção dos alunos face ao mundo dos Surdos, ou seja, mais exemplos e mais atividades para uma melhor aquisição e inspiração cultural. Por outras palavras, a necessidade de mudança do ensino, especialmente da Cultura Surda na disciplina de LGP centra-se no acréscimo de temas e atividades que possam solidificar culturalmente a identidade Surda.

Algumas das propostas para enriquecer mais o ensino da Cultura Surda, deverá centrar-se na introdução de mais temas, como por exemplo as batalhas de poesias, conhecidas por “slam” de modo a alargar vários métodos de entoar poesias em LG, e também a introdução de mais materiais didáticos, seja na poesia, visual vernacular ou ainda a criação de pelo menos uma ou duas histórias com base nas lendas da cultura portuguesa e na quais os protagonistas sejam Surdos, de modo a avolumar a existência de contos baseados na Cultura Surda. Também a organização de encontros entre escolas em datas relacionadas com a Comunidade Surda deve ser mantida anualmente e, se possível, organizada em diferentes EREB, o que pode aumentar o interesse dos alunos pela novidade e conhecimento de novos locais. Estas propostas partem do docente de LGP, não só para criar materiais didáticos no âmbito da Cultura Surda, com também propor projetos como celebrações de efemérides próprias da Comunidade Surda sob a forma de visitas de estudo, exposições e formações de LGP à direção escolar, visto que o mesmo é um perito na área da LGP e da Cultura Surda, dependendo do grau de participação na Comunidade Surda.

BIBLIOGRAFIA

Alves, L. (2014). *O que é cultura? Antropologicamente falando...* Ensaios e Notas, 2014. Disponível em: <https://wp.me/pHDzN-hm>.

Associação Portuguesa de Surdos. (s.d.). *História*. Disponível em: https://apsurdos.org.pt/?page_id=3614

Associação Portuguesa de Surdos. (s.d.). *Cultura*. Disponível em: https://apsurdos.org.pt/?page_id=1994

Azevedo, A. (2013). *Etnias de Portugal: o caso dos ciganos*. E-REI: Revista de Estudos Interculturais do CEI. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Disponível em: https://www.iscap.pt/cei/e-rei/n1/trabalhos-ei/Ana-Claudia_Etnias-de-Portugal-o-caso-dos-ciganos.pdf?fbclid=IwAR1AE_JnxWQtPZZm4jB87fxyYNUfP22GmiDITzpruYAHyQPX2bjzXvrMhvU

Azevedo, F. (2017). *O conceito de cultura em Raymond Williams*. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS) São Luís - Vol. 3 - Número Especial Jul./Dez. 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233161818.pdf>

Bastos, C. & Paula, M. (2021). *Surdolimpíadas – por que os surdos não estavam nas Paralimpíadas?* Midia Ninja. Disponível em: <https://midianinja.org/opiniao/surdolimpiadas-por-que-os-surdos-nao-estavam-nas-paralimpiadas/>

Bezerra, J. (s.d). *Movimento Hippie*. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/movimento-hippie/>

Bosi, A. (1992). *Dialética da Colonização*. Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.afoiceomartelo.com.br/posfsa/Autores/Bosi,%20Alfredo/Dialetica%20Da%20Colonizacao.pdf>

Branco, A. & Manzini, R. (2012). *O bullying na perspectiva sociocultural perspectivista*. Universidade de Brasília. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v62n137/v62n136a06.pdf?fbclid=IwAR11uORamBDz63CuPJv6Yy3WU9NcUzmlSDnR6saYfh-EWHFkiUQ2r5tVLrY>.

Brant, L. (2009). *O Poder da Cultura*. Brasil: Editora Peirópolis. Disponível em: <https://zoboko.com/text/5oo8nq0l/o-poder-da-cultura/6>

Brasil. (2002). *Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais*. Diário Oficial da União. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm

Calbente, L. (2017). *A luta da comunidade surda: um breve panorama histórico*. Revista aluvião. Disponível em: https://www.revistaaluviao.com.br/a-luta-da-comunidade-surda/?fbclid=IwAR17AZwlnT_8xYwvDkQrHD-3RrapvfMaGbCcqPtc3QRCy-3X8RLTnfRxGUI

Candau, V. (2002). *Sociedade e quotidiano escolar e cultura(s): Uma aproximação*. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8Cj5XvRTYpN3WNWbMBCbNFK/?format=pdf&lang=pt>

Carvalho, P. (2007). *Breve história dos Surdos no mundo e em Portugal*. Surd'Universo.

Casa Fernando Pessoa. (s.d.). *Mãos que Cantam*. Disponível em: <https://www.casafernandopessoa.pt/pt/cfp/i/encontro-de-poesia-surda/participantes/maos-que-cantam?eID=>

Conceito.de. (2020). *Cultura - O que é, conceito e definição*. Disponível em: <https://conceito.de/cultura>

Correia, F. & Pinto, F. (2023, novembro 18). *Escola de Viseu ensina Língua Gestual Portuguesa a 56 alunos*. SIC Notícias. Disponível em: https://sicnoticias.pt/pais/2023-11-18-Escola-de-Viseu-ensina-Lingua-Gestual-Portuguesa-a-56-alunos-5075fb4a?utm_term=Autofeed&utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwY2xjawFS2WQBHYxCaVq_tWTQETZRKQuSKcEq7M98I_lvdvrvZcMw-SWsakHtg3nspeDSpg#Echobox=1700318672

Jesus, P. (2019). *Políticas públicas e os desafios da educação de surdos*. Universidade Federal do Tocantins. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/3918/1/Pablo%20Jos%c3%a9%20Corr%c3%aaia%20de%20Jesus%20-%20Artigo.pdf>

Libraria. (s.d.). *Como Libras Está Sendo Introduzida no Sistema Educacional Infantil*. Disponível em: <https://libraria.com.br/como-libras-esta-sendo-introduzida-no-sistema-educacional-infantil/>

Libras. (2021). *Datas Comemorativas*. Disponível em: <https://www.libras.com.br/datas-comemorativas>

Librasol. (2023). *Conheça a nova bandeira da comunidade surda*. Disponível em: <https://www.librasol.com.br/conheca-a-nova-bandeira-da-comunidade-surda/>

Luvizotto, C. (2009). *Etnicidade e identidade étnica*. São Paulo: Editora UNESP. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kkf5v/pdf/luvizotto-9788579830082-04.pdf>

Morais, A. (2022). *Surdidade: Construção Social para a Comunidade Surda*. Sítio do Livro.

Neto, D. (2021). *O papel da História, Geografia e Cultura dos Açores na construção da identidade insular*. Faculdade das Letras da Universidade do Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/138146/2/518081.pdf?fbclid=IwAR055g_Zz_8mvDSDMbUPYqht2FM6owBclfx8GXlfi7VoO7o93sH1M7ruAqg

Paula, L. (2009). *Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola*. Brasília-DF. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/L75D5S73FqPjLRt8PzhP6rr/>

PELE. (s.d.). *Nós*. Disponível em: <https://www.apele.org/pt/arquivo/nos/>

Redação. (2023, agosto 22). *Greta Thunberg detida em protesto na Noruega*. Diário de Notícias. Disponível em: <https://www.dn.pt/internacional/greta-thunberg-detida-em-protesto-na-noruega-15923646.html>

Redação. (2023, março 1). *Greta Thunberg detida pela polícia norueguesa em protesto*. Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/03/01/azul/noticia/greta-thunberg-detida-policia-norueguesa-protesto-2040672>

Redação. (2022, outubro 13). *EMEBS Hellen Keller completa 70 anos*. Secretaria Municipal de Educação. São Paulo. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/emebs-helen-keller-completa-70-anos/>

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. *Orientações didáticas do Currículo da cidade: Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa para surdos*. – São Paulo : SME / COPED, 2021. 224 p. : il. Disponível em: https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/Livro_OD_Libras_LP-Surdos_WEB-19.01.22.pdf

Siegel, D. (2016). *Cérebro adolescente: a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos*. São Paulo. nVersos.

Silva, J. (n.d.). *A importância da cultura no processo de aprendizagem*. Brasil Escola. Disponível em: https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-cultura-no-processo-aprendizagem.htm?fbclid=IwAR1lt0lom5AT-2-nO447PiddgHTzYvsSX8_vDoyLb-EqgoKJPLIEqNiFQK4

Stumpf, M. & Linhares, R. (2021). *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*, Vol. 1 [livro eletrônico]/texto final coletivo: vários autores et. al.]. 1ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Arara Azul. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/262604/Vol_02_Libras_L1_2022.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Stumpf, M. & Linhares, R. (2021). *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*, Vol. 1 [livro eletrônico]/texto final coletivo: vários autores et. al.]. 1ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Arara Azul. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/wp-content/uploads/2023/07/Vol_03_Libras_L1_2022.pdf

